

SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

Por que morrer?

Debora Diniz¹

Esta foi a primeira pergunta feita por Julia, a advogada responsável por conduzir a petição de Ramón Sampredo à Suprema Corte Espanhola, ao ser apresentada ao seu futuro cliente. Esta foi a pergunta que Ramón respondeu durante os 28 anos em que se manteve vivo após o salto que lhe retirou os movimentos dos braços e das pernas. Ramón respondeu à pergunta de Julia e apresentou suas razões durante o filme. Sua vida, seu corpo, sua ironia e sua sedução são as principais evidências do seu desejo de morrer. "A vida para mim neste estado não é vida digna" foi a resposta de Ramón à pergunta de Julia. Mas que estado era esse? De que indignidade falava Ramón?

Conheço deficientes com restrições locomotoras iguais ou mais graves que as de Ramón. São pessoas capazes de se locomover dois metros, a distância quimérica para o personagem. São pessoas que não consideram suas limitações e as superações de suas limitações como migalhas. "Aceitar a cadeira é aceitar migalhas do que foi minha vida. Dois metros é uma viagem impossível, uma quimera, por isso quero morrer", explicava Ramón à Julia. Mas este é Ramón: um homem adulto que desdenha sua existência com limitações. A sobrevida para Ramón é uma imposição: a obrigação de sobreviver em migalhas do que foi. A sobrevida passou a ser um dever de se manter vivo, garantido primeiro por sua mãe e depois por sua cunhada, Manuela. Suas crises de dúvidas não eram titubeações sobre se sua experiência de vida era ou não indigna – disse ele tinha certeza – mas por que não era como os outros – "por que não sou como os outros? Por que quero morrer?".

Mas diferente dos deficientes que conheci que eram os outros de Ramón – eles queriam se manter vivos – também já conheci deficientes, doentes crônicos, pessoas com doenças genéticas que se desenvolverão na terceira ou quarta década da vida – que preferiram morrer a experimentar outra forma de existência. A estas pessoas – como a Ramón – o direito de ser livre para morrer foi considerado um ato de infração moral. Para concretizar seu desejo, Ramón morreu como um infrator, um suicida que põe a existência de outra pessoa em risco moral. Rosa foi julgada como uma assassina. O que está por trás deste jogo entre liberdade, suicídio e homicídio é uma suposição de que todos queremos estar vivos. Em larga medida esta é uma suposição verdadeira. O erro deste raciocínio não é universalizar o princípio ético do direito de se manter vivo, mas torná-lo absoluto. Sim, o direito a se manter vivo, a ter a vida protegida, é um direito fundamental. Assim traduzimos na Lei nosso desejo e prazer pela vida. Mas há situações que não queremos

mais exercê-lo ou simplesmente que desejamos exercer outro direito – o direito de deliberar sobre nossa própria morte.

Ramón oscila entre ser o nosso outro e ser um de nós. A cena em que vai à televisão contar sua história de vida não foi por acaso montada com a exibição de seu corpo seminu com fraldas. A exibição do corpo deficiente e disforme é um segredo, reservado e protegido pelo mundo doméstico. Mas aqui há uma ironia neste processo de silêncio e exibição do corpo deficiente. Nada é mais exposto que seu corpo. Por ser integralmente dependente, os limites corporais de Ramón estavam sempre disponíveis para o outro: fosse para as carícias de Rosa ou para os testes de sensibilidade de seu filho. A privacidade do corpo – em especial da higiene e dos cuidados de si – é redimensionada pela experiência do corpo deficiente. Mas o corpo deficiente se mantém como o corpo secreto. Há um silêncio absoluto em torno de si. Não se fala dele, não se expõe, não se explora. Por isso não foi por acaso que a entrada de Ramón na televisão para apresentar sua petição e provocar a empatia da opinião pública e dos juízes foi pela exposição de seu corpo disforme e imóvel. Aquela era a demonstração máxima da alteridade. O objetivo era provocar o espanto, para que, por meio dele, seus interlocutores morais – e mesmo seus julgadores – fossem capazes de transladar-se de seus corpos não deficientes para a existência plena de limitações tal como a descrita por Ramón.

Alguns consideraram esta cena excessiva ou apelativa. Ela foi simplesmente cruel. Ela descortinou o segredo. E sempre que falamos do silêncio somos cruéis. Agregada à crueldade da cena, estava a ironia da palavra. O silêncio do corpo de Ramón é contrastado ao excesso discursivo do personagem. Ramón é sarcástico, irônico e cruel. A exibição de seu corpo é acompanhada de constatações como "passo toda minha vida num inferno. A vida não é isso". O inferno passa a ser seu corpo, sua existência restrita aos movimentos de Manuela. Mas a ironia é um dos recursos expressivos mais adequados para expressar o interdito. Falar da morte é um interdito. Falar do desejo da morte é mais grave ainda. A ironia – estratégia analítica em que o outro é obrigado a repensar seus próprios pressupostos morais – era o recurso expressivo preferido de Ramón. Os personagens literais do filme, como seu irmão, seu sobrinho ou, em menor intensidade, Rosa (e sobre ela falarei mais adiante), não eram capazes de acompanhar sua ironia e se mantinham presos à literalidade da linguagem e dos ditames morais. Mas foi a ironia da palavra e a crueldade da imagem que provocou Rosa a procurá-lo após a cena da televisão e que determinou o desfecho de seu drama.

O inferno da imobilidade e da dependência plena é balanceado no filme

SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

pelos dois sentidos que restaram a Ramón: a audição e o olfato. O filme é pleno nestes dois sentidos. Não é por acaso que as cenas da vida de Ramón são intercaladas por músicas e menos por acaso ainda é o olfato que lhe provoca os sonhos. Nos sonhos, Ramón não se locomove somente, ele voa. Ele supera o real e o possível. O olfato lhe dá o sentido além-do-humano necessário para se crer livre do corpo lesado e estar apto para voar. Mas após ter tido seu pedido negado na Suprema Corte, até mesmo sua capacidade de sonhar foi retirada: as janelas passaram a conter grades. Até aquela cena, havia algum sentido na sobrevivência forçada: a espera pela morte digna que viria – a morte que se aproximou no momento do salto ("depois de expulsar o ar se tem uma morte doce. Instantânea"). Ramón era tão absurdamente dependente - e o fato de ter negado a reabilitação pela cadeira de rodas, o tornava ainda mais confinado à cama na total negação das migalhas que lhe restaram - que nem mesmo capaz de planejar um suicídio solitário era possível. A única forma que lhe restaria para se suicidar foi a planejada pela personagem do filme "Menina de Ouro": morder a língua, sangrando até a morte. Ramón não tinha força física para atos banais que o levariam ao suicídio solitário como prender a respiração ou afundar sua cabeça no travesseiro. Onde o colocassem, Ramón permaneceria para sempre e a cena em que Julia cai da escada e ele é incapaz de virar-se sozinho é elucidativa da extensão das limitações locomotoras do personagem.

Mas se há momentos que Ramón se posiciona na alteridade pela eleição do interdito como sentido último para a sobrevivência, há várias passagens de total simbiose de sua história com a do mundo comum. O enredo do filme é um permanente processo de troca entre quem o descobre e a vida de Ramón. Não foi apenas Rosa - da literalidade de sua existência - quem se viu confrontada e transformada pelas provocações irônicas de Ramón. Ramón é um sedutor, comprometido com a morte, mas o mundo feminino está ao seu redor. Mas neste processo permanente de troca e provocação do personagem com o mundo real é que Rosa se desponta como uma personagem não apenas decisiva para o desfecho do drama pessoal de Ramón, mas como uma verdadeira heroína capaz de duvidar de suas próprias crenças e da literalidade do mundo em que vivia imersa. Rosa se aproxima de Ramón por um dos sentimentos mais agressivos de nosso mundo moral: a piedade. Seu primeiro diálogo com Ramón é repleto de clichês, frases agressivas, repulsas pelo corpo disforme, e tentativas de lhe dar sentido para a sobrevivência. Ou melhor, de lhe convencer que há um sentido para existência, nem que seja a falta de sentido que também é abundante em sua vida. A literalidade da existência de Rosa foi o que lhe permitiu dizer "como alguém com seus olhos pode querer morrer?". O apelo aos olhos de Ramón não

deve ser entendido vulgarmente, mas na profundidade daquele encontro, após a ironia de Ramón ao riso nervoso de Rosa pela insinuação erótica entre os dois. Para Rosa, naquele momento, não havia possibilidade de contato físico entre os dois corpos, exceto pelos olhos de Ramón.

"Ser minha amiga é me respeitar. Não me julgue", gritou Ramón diante da oferta de piedade de Rosa. A saída foi fugir. Mas Rosa volta e esta cena inicial se repete, cada vez em menor intensidade e confronto moral entre os dois. A linguagem irônica de Ramón faz Rosa ir e sempre querer voltar, a literalidade de Rosa faz Ramón entender que o amor não é complexo. Mas foi exatamente a incapacidade plena de Rosa de compreender a ironia de Ramón - mas a abertura para ser tocada por ela - o que permitiu Rosa permanente mudar de idéia. Da piedade inicial ao amor tolerante da cena final, Rosa é o personagem que falta no mundo real. Rosa foi capaz de se aproximar, duvidar, fugir e contestar as provocações de Ramón, mas foi também capaz de exercitar uma das mais sublimes capacidades humanas: ela foi capaz de duvidar de suas motivações iniciais, ela foi capaz de duvidar de sua piedade ao se aproximar do desejo de Ramón. Para que os juízes escutassem o pedido de Ramón era preciso provocar-lhes a identificação com sua história. Para isso, era preciso deixar claro que Ramón falava apenas de si e não de todas as pessoas, outros tetraplégicos, e de suas vidas. Mas nem com todos os recursos argumentativos racionais para provocar a identificação de Ramón com a Lei, a Suprema Corte foi capaz de lhe ouvir. Não há resposta "jurídica, racional, humana, laica" quando não se quer ouvir. Os juízes não quiseram ouvir Ramón, Rosa o fez. Faltou o espírito literal de Rosa, mas permeável à dúvida, na sessão de julgamento da Suprema Corte.

A ironia de Ramón transforma Rosa de uma mulher piedosa em uma mulher solidária. A solidariedade tolerante de Rosa não é aquela que exige cumplicidade. Ser solidário não é ser cúmplice. Exercitar a verdadeira solidariedade é pressupor atos e valores que não somos capazes de considerar antes da demanda por solidariedade. "Me dei conta do que me disse: que quem ama lhe ajuda", "Você quer que eu lhe ajude?". Este diálogo é simples, mas ausente em nossa vida social e nas instituições – como a Suprema Corte – que representam a nossa diversidade moral. Ajudar a Ramón não era por em prática as crenças de Rosa, mas ser capaz de se aproximar das razões de Ramón. Ou mais simples ainda como respondeu Manuela à interpelação de Julia: "Manuela, o que você acha disso tudo?", "É o que ele quer", "Mas você o que prefere?", "O que eu prefiro não importa". Não quero dizer com isso que para sermos solidários devamos nos aproximar de todas as crenças disponíveis no mundo, que precisamos ser plenamente tolerantes, ou

Série Anis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

sermos sublimes como Manuela. É possível menos. A tolerância plena é impossível, só para os loucos. Basta sermos capazes, da nossa literalidade como Rosa, duvidarmos de nossas crenças. Escutarmos a ironia de Ramón.

Alguns amigos deficientes consideram Ramón um contra-herói. O acusam de ser um suicida em potencial antes mesmo de ser um deficiente. A leitura dos movimentos de deficientes é que o salto era já a busca da morte e que, portanto, não é a vida em um corpo lesado o que tornou a existência de Ramón intolerável. O inferno já estava em Ramón antes da deficiência. Não sou plenamente capaz de responder a esta contestação, mas minha intuição diz que importa pouco saber se Ramón era um homem-para-a-morte mesmo antes da deficiência, por isso o salto seria uma tentativa de encontrar a morte doce e instantânea ao invés de esperá-la, ou se a deficiência apenas o fez racionalizar e ironizar a existência. A história de Ramón é a de um homem capaz de eleger suas certezas, de definir seus desejos, e de centralizar o sentido de sua sobrevivência na espera da morte digna. Ao contrário dos meus amigos deficientes que precisam localizar na potencialidade suicida de Ramón o fundamento do desejo de morte, prefiro deslocar a reflexão para algo negociável na esfera pública: há desejos e experiências corporais e espirituais diversas no mundo e apesar da grande maioria de nós, deficientes ou sem deficiência, preferirmos viver a morrer, nem todos pensamos assim. Ramón é um exemplo.

Há ainda o espetacular diálogo de Ramón com o sacerdote Francisco, mas só aquela cena seria outra reflexão.

¹ Antropóloga, Doutora em Antropologia e Pós-doutora em Bioética. Professora da Universidade de Brasília e diretora da organização não-governamental Anis: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

Bibliotecária Responsável:

Kátia Soares Braga (CRB/DF 1522)

Editores Responsáveis:

Cristiano Guedes
Fabiana Paranhos

Tiragem:

50 exemplares

Serviço Editorial:

Editora LetrasLivres
letraslivres@anis.org.br
Caixa Postal 8011
CEP 70.673-970
Brasília-DF Brasil
+55 61 3343 1731